



## ACOLHIMENTO ÉTICO DA DIVERSIDADE SEXUAL NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

*Acadêmica:* Alice Vitória Arruda Botelho de Lannes  
Curso de Psicologia 10º semestre - [alicelannes@icloud.com](mailto:alicelannes@icloud.com)

*Acadêmica:* Gabrielle Lavoyer Boabaid  
Curso de Psicologia 10º semestre - [lavoyergaby@gmail.com](mailto:lavoyergaby@gmail.com)

*Acadêmico:* Luiz Augusto Andrade da Cunha  
Curso de Psicologia 10º semestre – [laacunha81@gmail.com](mailto:laacunha81@gmail.com)

*Professora:* Ma. Juliana B. Fitaroni  
Supervisora do Estágio Específico II: Política de Saúde – ACP –  
[juliana.fitaroni@univag.edu.br](mailto:juliana.fitaroni@univag.edu.br)

*Supervisora de Campo Estágio:* Aline Mercedes Fonseca Ramminger  
Coordenadora clínica de Psicologia - UNIVAG

### RESUMO

O presente resumo constitui-se a partir de uma reflexão teórica desenvolvida no âmbito do Estágio Específico em Políticas de Saúde II: Clínica – Abordagem Centrada na Pessoa. A proposta temática apresentada na amostra de estágio foi elaborada com base nas experiências clínicas dos estagiários, nas quais se evidenciaram demandas relacionadas à diversidade sexual. Os atendimentos psicológicos foram realizados pelos estagiários do curso de Psicologia, no 9º e 10º semestres, no contexto da clínica-escola do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), sob supervisão acadêmica e institucional. A diversidade sexual, entendida como expressão legítima da singularidade humana, ainda é vivida por muitas pessoas em contextos marcados pelo preconceito, pela não aceitação e pelo medo do julgamento. Apesar dos avanços sociais e legais, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, pansexuais, não-binárias e outras identidades (LGBTQIAPN+) continuam a enfrentar significativo sofrimento psíquico, sobretudo quando não se sentem compreendidos em seus núcleos familiares, espaços educacionais e contextos religiosos. Nesse cenário, a Psicologia Humanista, especialmente por meio da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers, oferece uma prática ética, acolhedora e profundamente respeitosa da experiência individual. A Abordagem Centrada na Pessoa parte da premissa de que todo ser humano possui uma tendência atualizante — força motivacional intrínseca que promove crescimento, autorrealização e desenvolvimento pessoal.



Para que essa tendência se manifeste plenamente, é necessário um ambiente relacional que proporcione condições facilitadoras como empatia, aceitação incondicional e congruência. Essas condições são fundamentais no atendimento psicológico a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, pansexuais, não-binárias e outras identidades (LGBTQIAPN+), muitas das quais chegam à psicoterapia atravessadas por vivências de rejeição, autodepreciação e sofrimento emocional. A sociedade heteronormativa, ao impor padrões rígidos de sexualidade e identidade de gênero, contribui para a construção de um imaginário que patologiza e marginaliza a diversidade sexual. Como analisa Goffman (1988), esse estigma opera como mecanismo de exclusão, promovendo discriminação, violência simbólica e física. Diante desse contexto, muitos indivíduos escondem ou negam sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, temendo as consequências sociais e afetivas de se mostrarem como são. Desde a infância, o medo do julgamento é internalizado e reforçado por discursos morais e religiosos, gerando sofrimento psíquico que pode se expressar em mecanismos de defesa como repressão, isolamento e autocensura. A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) compreende esses mecanismos como respostas compreensíveis em contextos hostis. Assim, o papel ético do terapeuta é oferecer um espaço seguro onde o cliente possa acessar sua experiência autêntica sem medo de ser invalidado. Rogers (1997) afirma que a mudança terapêutica ocorre quando o indivíduo se sente profundamente aceito e compreendido, o que lhe permite aproximar-se de seu *self* real — sua identidade genuína. Além do sofrimento individual, destaca-se o impacto familiar frente à revelação da diversidade sexual de um de seus membros, com reações que envolvem frustração de expectativas, influência de crenças religiosas ou preocupação com o preconceito social. Pais e mães criados em contextos conservadores, por vezes, experienciam essa revelação como um "luto simbólico", com sentimento de culpa, negação ou vergonha. Como apontam Bock, Furtado e Teixeira (2001), a família pode ser tanto fonte de apoio quanto de dor. Nesse sentido, o acompanhamento psicológico pode e deve se estender ao núcleo familiar, favorecendo o diálogo, a empatia e a ressignificação das relações. A não aceitação da própria sexualidade, reforçada por discursos normativos e excludentes, pode levar a quadros de sofrimento psíquico como depressão, ansiedade, baixa autoestima, ideação suicida e sentimentos de inadequação. A Abordagem Centrada na Pessoa, ao adotar uma postura não diretiva, baseada na escuta empática e na aceitação incondicional, favorece a reconstrução da autoestima e a ressignificação da vivência de forma mais autêntica e integrada. O terapeuta, ao criar um ambiente relacional genuinamente seguro, colabora para transformar a dor da exclusão em autoaceitação e fortalecimento pessoal. A relação facilitadora — eixo central da



Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) — configura-se como potente ferramenta no acompanhamento de pessoas cuja sexualidade ou identidade de gênero foi vivida como tabu. Essa relação, marcada pela empatia, presença genuína e ausência de julgamento, permite que o cliente se sinta reconhecido e validado em sua totalidade. Como destaca Brodsky (2011), a escuta humanista da sexualidade não apenas alivia o sofrimento, mas também fortalece a identidade e promove a recuperação da dignidade pessoal. A diversidade sexual, na perspectiva humanista, não é vista como patologia, mas como manifestação natural da pluralidade humana. A retirada da homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID) pela Organização Mundial da Saúde, em 1990, representa marco importante na desconstrução do discurso patologizante, embora ainda persistam resquícios discriminatórios em diversas esferas sociais — inclusive na prática psicológica. Assim, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) convida o profissional da Psicologia a uma postura ética de reflexão constante sobre seus próprios valores e preconceitos, comprometida com o respeito à singularidade e à dignidade de cada sujeito. A escuta terapêutica centrada na pessoa não objetiva “corrigir” ou “orientar” o cliente, mas acompanhá-lo em seu processo singular de descoberta e construção de sentido. A vivência da diversidade sexual, nessa perspectiva, deve ser acolhida com sensibilidade, respeito e compromisso ético. Ao se sentir profundamente aceito na relação terapêutica, o cliente amplia sua autonomia, fortalece sua autoestima e desenvolve recursos para enfrentar os desafios impostos pela sociedade com mais resiliência e autenticidade. Portanto, compreender o sofrimento de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, pansexuais, não-binárias e outras identidades (LGBTQIAPN+) a partir da Abordagem Centrada na Pessoa é reconhecer que ele não reside em sua identidade, mas na forma como está é recebida — ou negada — pelo outro. A psicoterapia, nesse sentido, torna-se um espaço transformador, capaz de romper ciclos de exclusão e fomentar o florescimento de vidas mais livres e dignas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado Específico em Políticas Públicas II: Clínica, constitui uma etapa fundamental na nossa formação como futuros psicólogos, ao possibilitar a articulação entre o conhecimento teórico e a experiência prática, além do desenvolvimento de habilidades técnicas e éticas indispensáveis para o exercício profissional. Neste relato temos como objetivo compartilhar as reflexões resultantes do atendimento a pacientes na clínica-escola do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG), com ênfase nas demandas relacionadas à homossexualidade. A nossa experiência e vivência durante os atendimentos na clínica-escola



contribuíram significativamente para aprofundarmos a nossa compreensão acerca das particularidades presente na temática da homossexualidade. Durante a realização do estágio, foram conduzidos atendimentos a indivíduos que apresentavam questões relacionadas à orientação sexual, às dificuldades enfrentadas no contexto social e familiar e situações de preconceito, corroborando a literatura que evidencia a influência das violências simbólicas e sociais sobre a saúde mental das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, pansexuais, não-binárias e outras identidades. (MISKOLCI, 2012). Um aspecto central do processo foi o reconhecimento da importância de refletir criticamente sobre as nossas próprias crenças e valores como indivíduo e estagiário, que podem interferir no estabelecimento de uma escuta ética e empática. A supervisão realizada pela professora Juliana Fitaroni, fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa, conforme proposta por Carl Rogers, foi essencial para promover uma postura terapêutica pautada na empatia, autenticidade e aceitação incondicional, fatores imprescindíveis para a criação de um ambiente seguro e facilitador do processo terapêutico (ROGERS, 1977). Essa abordagem permitiu um atendimento sensível às singularidades de cada paciente, enfatizando a valorização da diversidade e o respeito às expressões individuais de identidade sexual. Ressalta-se também o impacto emocional e ético vivenciado durante os atendimentos, que demandaram constante atualização teórica e uma postura crítica em relação ao papel do psicólogo como agente promotor dos direitos humanos e da inclusão social, conforme preconiza o Conselho Federal de Psicologia (2018). A nossa experiência clínica com foco na temática da homossexualidade mostrou-se de grande relevância para o nosso desenvolvimento profissional, evidenciando a necessidade de uma prática clínica ética, acolhedora e respeitosa à diversidade. Essa vivência contribuiu para a construção de uma base teórico-prática sólida, capaz de atender às demandas específicas dessa população, promovendo o fortalecimento identitário e o enfrentamento das adversidades sociais. Em suma, durante os atendimentos no estágio tivemos a consolidação de competências clínicas e éticas essenciais para uma atuação sensível, inclusiva e qualificada no âmbito da Psicologia.

**Palavras-chave:** Diversidade sexual; Acolhimento ético; Relação terapêutica; Abordagem Centrada na Pessoa; LGBTQIAPN+.



## REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BRODSKY, Joel. *Carl Rogers e a abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Summus, 2011.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- ROGERS, Carl Ransom. *On becoming a person: a therapist's view of psychotherapy*. Boston: Houghton Mifflin, 1961.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução CFP nº 01/2018*, de 29 de janeiro de 2018. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis. Brasília: CFP, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br>. Acesso em: 28 maio 2025.
- MISKOLCI, Richard. *Desejos modernos: sexualidade, teoria e política*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.